26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO PARA POVOS ORIGINÁRIOS: O PAPEL DOS ATORES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA NA AFIRMAÇÃO DE PERSPECTIVAS DECOLONIAIS E CONTRACOLONIAIS

CRITICAL INFORMATION LITERACY AND INDIGENOUS PEOPLES*: THE ROLE OF INDIGENOUS INFORMATION ACTORS IN THE AFFIRMATION OF DECOLONIAL AND COUNTERCOLONIAL PERSPECTIVES*

Angerlânia Rezende – Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Edivanio Duarte de Souza – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Séculos de dominação colonial impuseram aos povos originários brasileiros regimes de poder e de conhecimento que contribuíram para a marginalização de seus saberes. Em resposta a esse processo, os atores de informação indígena têm desempenhado um papel fundamental na contestação das lógicas coloniais e na afirmação de projetos próprios de conhecimento. A competência crítica em informação apresenta-se como uma estratégia de formação política, social e cultural, possibilitando a problematização de narrativas hegemônicas e valorizando as epistemologias plurais. Este trabalho tem como objetivo analisar o papel dos atores de informação indígena na mobilização da competência crítica em informação como estratégia de afirmação de perspectivas decoloniais e contracoloniais de resistência diante dos regimes de informação contemporâneos. Trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa, fundamentada em procedimentos bibliográficos e documentais, derivada dos resultados de tese de doutorado. As análises concentraram-se na atuação dos atores de informação indígena e em suas contribuições para a construção de perspectivas decoloniais e contracoloniais. Os resultados evidenciam que esses atores mobilizam conhecimentos, experiências e práticas em informação própria para fortalecer processos de autonomia informacional, resistência epistêmica e justiça cognitiva, desafiando as estruturas da colonialidade. Observou-se que a competência crítica em informação contribui para desvelar mecanismos de dominação inscritos nos sistemas de informação, favorecendo processos de interpretação crítica, ressignificação e produção de conhecimentos situados. Conclui-se que essa competência constitui uma importante estratégia de resistência, capaz de fortalecer a soberania informacional e epistêmica dos povos originários.
Palavras-chave: atores de informação indígena; competência crítica em informação; povos originários; decolonialidade; contracolonialidade.

Abstract: Centuries of colonial domination imposed regimes of power and knowledge upon Indigenous peoples in Brazil, contributing to the marginalization of their knowledge systems. In response to this process, indigenous information actors have played a fundamental role in challenging colonial logics and affirming their own knowledge projects. critical information literacy emerges as a political, social, and cultural strategy that enables the questioning of hegemonic narratives while valuing plural epistemologies. This study aims to analyze the role of indigenous information actors in mobilizing critical information literacy as a strategy for affirming decolonial and countercolonial perspectives of resistance. This is a qualitative and descriptive study based on bibliographic and documentary research, derived from the results of a doctoral dissertation. The analysis focused on the performance of indigenous information actors and their contributions to the construction of decolonial and countercolonial perspectives. The findings reveal that these actors mobilize their own knowledge, experiences, and informational practices to strengthen processes of informational autonomy, epistemic resistance, and cognitive justice, challenging the structures of coloniality. The study also shows that critical information literacy contributes to unveiling mechanisms of domination embedded in information systems, fostering critical interpretation, resignification, and the production of situated knowledge. It is concluded that critical information literacy constitutes an important strategy of resistance, capable of strengthening the informational and epistemic sovereignty of Indigenous peoples.
Keywords: indigenous information actors; critical information literacy; indigenous peoples; decoloniality; countercoloniality.

1 INTRODUÇÃO

A trajetória dos povos originários no Brasil é atravessada por um longo processo de violência colonial iniciado com a invasão europeia no século XVI. Compreender, contudo, esse fenômeno apenas como um acontecimento histórico encerrado no passado significa ignorar a permanência de suas estruturas de poder no presente. As lógicas coloniais continuam operando e moldando relações sociais, políticas, culturais e informacionais, reproduzindo desigualdades e mecanismos de subalternização que afetam os povos indígenas até os dias atuais.

Desde o início da colonização, os povos originários foram enquadrados por uma racionalidade eurocêntrica que os classificava como inferiores, atrasados ou incapazes de produzir conhecimentos legítimos. Essa perspectiva serviu para justificar não somente a expropriação de seus territórios, mas também a negação de suas cosmologias, formas de organização social, sistemas de conhecimento e modos de vida. Como consequência, os saberes indígenas, assim como os conhecimentos produzidos por populações afrodescendentes e quilombolas, foram historicamente invisibilizados, desqualificados e excluídos dos espaços institucionais de produção e validação do conhecimento.

Nesse contexto, o colonialismo deve ser compreendido para além da dominação territorial e da exploração econômica. Trata-se de um projeto de poder que instituiu hierarquias raciais, culturais e epistêmicas, conferindo centralidade aos padrões europeus e relegando outras formas de conhecimento à condição de subalternidade (Mignolo, 2017). Tal projeto não desapareceu com o fim formal da colonização; pelo contrário, seus efeitos permanecem por meio da colonialidade, entendida como a continuidade das estruturas coloniais que operam na organização do saber, do poder e do ser.

A colonialidade manifesta-se de diferentes maneiras, muitas vezes, de forma sutil e naturalizada, por meio de instituições, discursos, políticas e práticas que reforçam a hegemonia de determinados conhecimentos em detrimento de outros (Quijano, 2014). Desse modo, a luta dos povos originários não se restringe à defesa de seus territórios físicos, mas envolve também a disputa por reconhecimento epistemológico, pela valorização de suas memórias e de suas narrativas e pelas formas próprias de produzir, de compartilhar e de legitimar conhecimentos.

É nesse contexto que se insere o debate sobre a competência crítica em informação (CCI). Ela nasce vinculada a um movimento de autocrítica da modernidade, fundamentado em experiências históricas como o avanço do capitalismo industrial, os regimes totalitários e os conflitos que marcaram a Europa ao longo do século XX. Entretanto, embora tais referenciais tenham contribuído significativamente para a compreensão das relações de poder e das formas de opressão social, eles não problematizaram de maneira suficiente a dimensão colonial que sustentou a expansão europeia e a constituição da modernidade. Como consequência, as experiências, os conhecimentos e as formas de existência dos povos colonizados permaneceram, em grande medida, à margem dessas análises. É justamente nesse ponto que as perspectivas decoloniais e contracoloniais ampliam o horizonte de problematização da CCI, ao incorporar a colonialidade como elemento central para compreender os processos de produção, de circulação e de legitimação da informação e do conhecimento, especialmente em contextos marcados pela subalternização histórica dos povos originários.

Diante desse cenário, este trabalho parte do seguinte questionamento de pesquisa: como os atores de informação indígena mobilizam elementos da CCI para afirmar perspectivas decoloniais e contracoloniais e tensionar estruturas de colonialidade presentes nos regimes de informação contemporâneos? Para responder a essa questão, o trabalho tem como objetivo analisar o papel dos atores de informação indígena na mobilização dessa competência como

estratégia de afirmação de perspectivas decoloniais e contracoloniais de resistência diante dos regimes de informação contemporâneos.

Este estudo constitui um recorte dos resultados da tese de doutorado defendida em março de 2026, cuja investigação teve como foco a CCI no contexto dos povos originários brasileiros. Nesse sentido, a presente comunicação enfatiza o protagonismo dos atores de informação indígena como sujeitos que articulam resistência e transformação social por meio da produção, da mediação, da apropriação e da circulação de informações comprometidas com a defesa dos territórios, das memórias, dos saberes e dos modos de vida dos povos originários.

2 COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO E PERSPECTIVAS DECOLONIAIS E CONTRACOLONIAIS

A CCI distingue-se das abordagens tradicionais da competência em informação por ultrapassar uma perspectiva centrada no desenvolvimento de habilidades técnicas e operacionais. Seu foco volta-se para a formação integral dos sujeitos, considerando as dimensões política, social, cultural e histórica que permeiam os processos informacionais. Nessa perspectiva, a informação é compreendida como um fenômeno atravessado por relações de poder, interesses e disputas de significado, não podendo ser concebida como neutra, universal ou descontextualizada. Ao reconhecer a pluralidade de saberes, de experiências e de formas de produção do conhecimento, a CCI problematiza modelos universalizantes de competência e evidencia a necessidade de considerar as desigualdades sociais, culturais e epistêmicas que condicionam o acesso, a circulação e a legitimação da informação em diferentes contextos.

Seguindo essa linha de pensamento, Elmborg (2006, p. 196), salienta que a CCI também "[...] involves the ability to critically evaluate the system itself"[1]. Esse posicionamento implica reconhecer que as estruturas responsáveis pela produção, organização e disseminação da informação não são imparciais, na medida em que elas refletem interesses econômicos, políticos e ideológicos que moldam a forma como o conhecimento é acessado, validado e utilizado.

Contudo, ressalta-se que essa perspectiva de Elmborg (2006), embora fundamental para a compreensão da dimensão crítica da CCI, mostra-se insuficiente, por si só, para sustentar uma abordagem decolonial e contracolonial. A partir dos estudos decoloniais e de perspectivas que problematizam as diferentes formas de colonialidade, Gomes e Tanus (2024), por exemplo,

[1] "[...] envolve a capacidade de avaliar criticamente o próprio sistema" (Elmborg, 2006, p. 196, tradução nossa).

defendem a necessidade de "complexar" a CCI, incorporando outras bases teóricas, especialmente os pensamentos decoloniais. Para os autores, essa ampliação é necessária para possibilitar a compreensão das narrativas hegemônicas e das relações de poder que atravessam as dimensões sociais e informacionais. Nessa perspectiva, torna-se fundamental reconhecer que as forças políticas, econômicas e sociais que estruturam as relações entre sujeitos, conhecimento e informação também podem reproduzir lógicas coloniais.

Para os povos originários, exercer a CCI vai além do simples acesso a documentos, registros ou informações sobre sua própria história. Implica questionar quem produziu esses conhecimentos, quais interesses orientaram sua produção, sob quais categorias foram organizados e quais narrativas foram privilegiadas ou silenciadas ao longo do tempo, entre outras possibilidades. Trata-se de compreender que grande parte das informações sobre esses povos foi historicamente construída a partir de perspectivas externas, frequentemente marcadas por visões colonialistas que invisibilizaram seus saberes, experiências e formas próprias de interpretar o mundo.

Então, desenvolver uma consciência crítica e reflexiva significa adotar uma postura ativa diante da informação, problematizando discursos, fontes e mecanismos de legitimação do conhecimento. Essa prática envolve reconhecer as relações de poder presentes nos processos informacionais e questionar representações que contribuíram para a marginalização dos povos originários. Ao mesmo tempo, possibilita a valorização de memórias, narrativas, cosmologias e conhecimentos ancestrais como formas legítimas de produção e de circulação de saberes (Rezende; Paiva; Souza, 2024).

A CCI não pode limitar-se somente à análise do uso da informação, envolve também uma identificação dos mecanismos de manipulação e de dominação ideológica presentes na sociedade. É necessário avançar ainda para uma problematização mais profunda, voltada aos próprios critérios que definem o que é considerado informação válida, conhecimento legítimo e racionalidade reconhecida socialmente. Os regimes de verdade, como entendem Oliveira e Gomes (2021), não são neutros e orientam a produção, a organização e a circulação da informação, mas resultam de processos históricos, políticos e culturais atravessados por relações de poder. Para os povos originários, essa discussão assume especial relevância, uma vez que seus saberes foram historicamente desqualificados por modelos epistemológicos eurocentrados que instituíram determinados padrões de cientificidade e racionalidade como universais.

De modo prático, uma abordagem crítica comprometida com a transformação social precisa reconhecer a existência de múltiplas formas de conhecer, interpretar e produzir sentidos sobre a realidade. Caso permaneça vinculada a categorias universalizantes e a concepções hegemônicas de conhecimento, a própria CCI corre o risco de reproduzir as lógicas de exclusão que busca combater, reforçando a invisibilização de epistemologias não eurocêntricas e perpetuando hierarquias que privilegiam determinados saberes em detrimento de outros. Por essa razão, a incorporação de perspectivas decoloniais e contracoloniais torna-se fundamental para ampliar o horizonte crítico da CCI, permitindo o reconhecimento da pluralidade epistemológica e a valorização dos conhecimentos produzidos por povos historicamente subalternizados, especialmente os povos originários, cujas experiências, memórias e formas de existência constituem importantes fontes de conhecimento e resistência frente às estruturas da colonialidade (Mignolo, 2017; Quijano, 2014).

Nesse constructo, ressalta-se que não é somente se adaptar ou aplicar teorias críticas já consagradas aos chamados contextos periféricos, mas reconhecer que os países historicamente colonizados produziram e continuam produzindo referenciais teóricos próprios, constituídos a partir de suas experiências concretas de colonização, expropriação territorial, violência epistêmica, racismo estrutural e epistemicídio. No entendimento de Oliveira e Gomes (2021), essas elaborações teóricas surgem de condições históricas marcadas pela subalternização, mas também pela resistência, configurando modos de pensar que desafiam a universalidade abstrata do conhecimento moderno e afirmam outras racionalidades, enraizadas em territórios, memórias e lutas coletivas.

A partir dessa compreensão, os povos originários também podem ser entendidos como mediadores da informação, na medida em que produzem e mobilizam conhecimentos em diferentes contextos, estabelecendo relações entre sujeitos, territórios, memórias, saberes ancestrais e informações que circulam dentro e fora de suas comunidades. Vale ressaltar que essa mediação não deve ser compreendida somente como a transmissão de conteúdo de um emissor para um receptor, mas como um processo social, cultural e político no qual os sujeitos atribuem sentidos às informações, selecionam o que deve ser compartilhado, preservam memórias e definem, a partir de suas próprias referências, os modos de produzir, validar e fazer circular conhecimentos (Santos Neto; Almeida Júnior, 2017).

Nesse sentido, é importante estabelecer uma distinção entre mediação da informação e mediação de informações sobre os povos indígenas. A primeira perspectiva reconhece os povos

originários como sujeitos ativos dos processos informacionais, produtores e mediadores de conhecimentos. Já a segunda, por sua vez, pode, dependendo da abordagem adotada, mantê-los na condição de objetos de representação, cujas histórias, conhecimentos e modos de vida são narrados e interpretados por instituições e sujeitos externos às suas comunidades. Essa distinção é fundamental para uma abordagem que reconheça o protagonismo indígena na produção e circulação de seus próprios conhecimentos (Rezende; Paiva; Souza, 2024).

Desse modo, reconhecer os povos originários como mediadores da informação implica também reconhecer sua autonomia informacional, entendida como a capacidade de produzir, interpretar, selecionar, validar, preservar e disseminar informações a partir de referenciais próprios. Nesse contexto, a CCI desempenha um papel fundamental, pois possibilita analisar as condições históricas, sociais e políticas que influenciam a produção, a circulação e a legitimação dos conhecimentos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, realiza a partir abordagem qualitativa e fundamentada em procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender a CCI em sua complexidade sociocultural e política, considerando dimensões relacionadas aos processos de resistência, reexistência e afirmação epistemológica dos povos originários, aspectos que não podem ser apreendidos por meio de mensurações quantitativas. Conforme Minayo (2010), a pesquisa qualitativa possibilita a compreensão aprofundada de fenômenos sociais, valorizando seus significados, contextos e relações. Quanto aos objetivos, a investigação possui caráter descritivo, uma vez que busca identificar, sistematizar e analisar elementos da CCI presentes nos atores de informação indígena, evidenciando suas contribuições para a afirmação de perspectivas decoloniais e contracoloniais.

No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa fundamenta-se na pesquisa bibliográfica e documental. Foi realizado um recorte de 19 obras literárias de autoria indígena, selecionadas a partir de diferentes fontes de informação e acervos relacionados aos povos originários. Entre as fontes consultadas, destacam-se a Livraria Maracá, especializada na divulgação de obras de autoria indígena; o acervo da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI); o acervo do Instituto Socioambiental (ISA); e o acervo do Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

A busca e o acesso às obras ocorreram no período de agosto a dezembro de 2025. A constituição do corpus também ocorreu de forma progressiva, a partir da leitura das obras inicialmente localizadas. Nesse processo, determinadas publicações apresentavam, em suas referências, prefácios, ou discussões internas, indicações de outras obras e autores que dialogavam com perspectivas de resistência, decoloniais e contracoloniais. Assim, a estratégia de seleção não se limitou à utilização de descritores previamente estabelecidos, mas incorporou um movimento de rastreamento das referências e de ampliação do corpus a partir dos próprios materiais identificados. Como exemplo, a leitura de obras de Ailton Krenak possibilitou localizar e reconhecer outras produções e autorias indígenas que apresentavam aproximações com as questões investigadas, contribuindo para a ampliação e o refinamento do corpus.

A análise dessas obras também teve como propósito identificar elementos associados às perspectivas da CCI para os povos originários, com especial atenção ao papel dos atores de informação indígena na afirmação de perspectivas decoloniais e contracoloniais. A partir desse recorte, buscou-se evidenciar como os atores de informação indígena mobilizam conhecimentos, memórias, narrativas e saberes próprios, contribuindo para a construção de perspectivas decoloniais e contracoloniais e para a compreensão da CCI a partir de suas experiências e epistemologias.

4 ATORES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA E A COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO NA AFIRMAÇÃO DE EPISTEMOLOGIAS PLURAIS

Os atores de informação, de modo geral, correspondem aos sujeitos sociais que dão forma e sentido a um regime de informação, uma vez que participam ativamente da constituição e da transformação das instituições que os sustentam (González de Gómez, 2003). No contexto originário, essa compreensão permite reconhecer, por exemplo, as lideranças responsáveis pela comunicação fora e dentro da comunidade, os anciãos dotados de conhecimentos ancestrais, os professores indígenas, os intelectuais como protagonistas na construção de regimes de informação e de conhecimento próprios, ancorados na oralidade, na memória ancestral, na territorialidade e nas cosmologias específicas de cada povo.

Nesse mesmo horizonte, Freire (2021) esclarece que os atores de informação são sujeitos sociais responsáveis pela geração e recepção de informações no regime de informação. Esses atores se subdividem em duas categorias, os atores humanos e os atores não humanos. Aqui, cabe analisar a atuação de atores humanos, sujeitos sociais dotados de intencionalidade,

consciência crítica e capacidade de intervenção transformadora na realidade, sendo responsáveis por produzir, mediar, interpretar e ressignificar a informação.

O Quadro 1 apresenta uma síntese dos principais atores informacionais indígenas identificados, cujas obras e trajetórias constituíram parte significativa dos resultados da pesquisa. As análises e discussões compreendem características, discursos e formas de representação presentes em suas produções, buscando identificar elementos associados às perspectivas decoloniais e contracoloniais. As obras analisadas, em particular, revelam não apenas processos de crítica às estruturas coloniais de poder, de saber e de ser, mas também estratégias de resistência, de reexistência e de afirmação de epistemologias indígenas, evidenciando o protagonismo desses atores na produção e na circulação de conhecimentos.

Quadro 1 – Principais atores de informação indígena

Autor(a)	Profissão/Atuação	Obra(s) de destaque	Posicionamento Decolonial	Posicionamento Contracolonial
Eliane Potiguara	Escritora, ativista e educadora	*A terra é a mãe do índio* (1990); *A cura da terra* (2015)	Recuperação da memória e da oralidade feminina indígena	Literatura como epistemologia insurgente e luta pelos direitos indígenas
Kaká Werá Jecupé	Escritor e educador	*A terra dos mil povos* (2020)	Valorização das cosmologias indígenas	Espiritualidade ancestral como resistência
Yaguarê Yamã	Escritor, professor e geógrafo	*Kurumi Guaré no coração da Amazônia* (2007)	Desconstrução de estereótipos sobre os povos indígenas	Formação crítica das novas gerações
Olívio Jekupé	Filósofo e escritor	*Tekoa* (2011)	Crítica ao modelo escolar colonial	Educação intercultural como ação política
Graça Graúna	Professora e pesquisadora	*Contrapontos da literatura indígena contemporânea* (2013)	Crítica ao cânone literário eurocêntrico	Inserção da literatura indígena na academia
Davi Kopenawa	Xamã, escritor e líder político	*A queda do céu* (2015)	Contestação da supremacia epistemológica ocidental	Denúncia do garimpo e da violência estatal
Daniel Munduruku	Escritor, professor e ativista	*Histórias de índio* (1996); *O Karaíba* (2018)	Reescrita da história a partir	Educação e literatura como resistência

			da perspectiva indígena	
Auritha Tabajara	Escritora e cordelista	*Coração na aldeia, pés no mundo* (2018)	Valorização da oralidade e das mulheres indígenas	Literatura como visibilidade política
Roni Wasiry Guará	Educador e escritor	*Olho d'água* (2012)	Ruptura com padrões literários eurocentrados	Arte e literatura como resistência cultural
Cristino Wapichana	Escritor, músico e cineasta	*A boca da noite* (2018)	Valorização da oralidade e memória coletiva	Literatura como reexistência cultural
Márcia Wayna Kambeba	Poeta, cantora e escritora	*Ay Kakyri Tama* (2018)	Espiritualidade e identidade indígena urbana	Poética como estratégia de resistência
Ailton Krenak	Filósofo e ambientalista	*Ideias para adiar o fim do mundo* (2019)	Crítica ao universalismo moderno	Enfrentamento ao capitalismo e ao extrativismo
Julie Dorrico *et al*.	Pesquisadora e escritora	*Literatura indígena brasileira contemporânea* (2021)	Ruptura com o cânone literário colonial	Construção de crítica literária indígena autônoma
Gersem Baniwa	Filósofo e educador	*Educação para manejo do mundo* (2018)	Crítica à educação assimilacionista	Institucionalização de epistemologias indígenas
Geni Núñez	Psicóloga e escritora	*Descolonizando Afetos* (2023)	Crítica às subjetividades coloniais	Reinvenção dos afetos como prática política
Célia Xakriabá	Pesquisadora, ativista e deputada federal	*Terra – Antologia Afro-Indígena* (2023)	Crítica à colonialidade do poder e do saber	Defesa da demarcação, autonomia e autodeterminação

Fonte: elaborado pelos autores (2026)

Os resultados evidenciam que os atores informacionais indígenas identificados são intelectuais, escritores, educadores, lideranças políticas, artistas, pesquisadores e ativistas que atuam em diferentes espaços de produção, circulação e mediação da informação. Constatou-se que, em comum, suas trajetórias demonstram o compromisso com a valorização dos saberes ancestrais, a preservação da memória coletiva e o enfrentamento das estruturas coloniais que historicamente marginalizaram os povos originários. Suas obras podem ser compreendidas como dispositivos e artefatos de informação orientados à resistência e à autodeterminação, por

meio dos quais se constroem narrativas próprias, se contestam epistemologias hegemônicas e se fortalecem processos de autonomia informacional.

Sob essa perspectiva, observa-se, por meio das expressões recorrentes presentes nas obras analisadas, que a dimensão crítica CCI se manifesta no questionamento da ideia de um saber único e universal, na denúncia do epistemicídio e na compreensão histórica da colonialidade como uma estrutura persistente que continua produzindo desigualdades, silenciamentos e processos de subalternização dos povos originários. As obras de Eliane Potiguara (1990; 2015), Auritha Tabajara (2018), Cristino Wapichana (2018) e Roni Wasiry Guará (2012), por exemplo, valorizam as tradições orais, as experiências comunitárias e os conhecimentos ancestrais como formas legítimas de produção de saber. Na perspectiva decolonial, esses intelectuais rompem com a invisibilização dos povos indígenas nos espaços literários e culturais. Em uma dimensão contracolonial, transformam a escrita em prática de resistência, de reexistência e de afirmação política, produzindo narrativas próprias que fortalecem identidades coletivas e contestam discursos coloniais ainda vigentes.

Os atores informacionais indígenas que articulam espiritualidade, cosmologia e ancestralidade como fundamentos epistemológicos são representados por Kaká Werá Jecupé (2011), Márcia Wayna Kambeba (2018), Davi Kopenawa 2015), e Ailton Krenak (2019). Em suas obras, os conhecimentos ancestrais são expressos como formas legítimas de interpretar e de experienciar o mundo, contrapondo-se à hegemonia da racionalidade eurocentrada moderna. Suas produções apresentam também perspectivas que compreendem a existência a partir da interdependência entre seres humanos, natureza, espiritualidade e território, reafirmando cosmologias indígenas historicamente marginalizadas pelos processos coloniais. Desse modo, contribuem para a valorização de epistemologias plurais e para o fortalecimento de modos de vida fundamentados na ancestralidade e no cuidado com a vida em sua dimensão coletiva. O caráter decolonial de suas obras está na valorização das cosmologias indígenas como sistemas legítimos de conhecimento. Já a dimensão contracolonial manifesta-se na defesa de modos de vida ancestrais e na denúncia dos impactos do capitalismo, do extrativismo e da destruição ambiental sobre os territórios indígenas.

Esses atores de informação indígena também constituem e direcionam suas reflexões à educação e à formação crítica das novas gerações indígenas. Nesse contexto, destacam-se Olívio Jekupé (2020), Gersem Baniwa (2018), Daniel Munduruku (1996) e Yaguarê Yamã (2007). Suas obras problematizam os processos históricos de assimilação cultural promovidos pela escola

com característica colonial e defendem modelos educacionais pautados na interculturalidade, na autonomia e na valorização dos conhecimentos tradicionais. Sob a ótica decolonial, esses autores atuam na crítica às estruturas, às políticas e às práticas educacionais eurocentradas. Em termos contracoloniais, propõem práticas educativas capazes de fortalecer identidades indígenas, ampliar processos de autodeterminação e consolidar epistemologias próprias nos espaços formais de ensino.

Também se observa um grupo de intelectuais voltados à construção de uma crítica literária e acadêmica indígena, representado por Graça Graúna (2013), Julie Dorrico (2021) e Geni Núñez (2023). Embora atuem em campos distintos, suas produções convergem ao questionar estruturas coloniais presentes na produção do conhecimento, na literatura e nos processos de subjetivação. A dimensão decolonial dessas autoras reside na crítica aos cânones eurocêntricos e aos modelos universais de pensamento que historicamente marginalizaram saberes indígenas. No âmbito contracolonial, suas obras contribuem para a consolidação de espaços autônomos de produção intelectual indígena, ampliando o protagonismo desses sujeitos na universidade, na crítica literária e nos debates sobre afetos, identidade e pertencimento.

Por fim, destaca-se a atuação de lideranças indígenas que articulam produção intelectual e ação política, como Célia Xakriabá, Davi Kopenawa, e Ailton Krenak. Embora presentes em outros agrupamentos temáticos, esses autores assumem papel central na denúncia das continuidades coloniais que afetam os povos originários do Brasil. Suas produções extrapolam o campo acadêmico e literário, constituindo-se como sujeitos críticos de mobilização social e incidência política. Sob uma perspectiva decolonial, evidenciam os mecanismos históricos de subalternização dos povos indígenas e de suas epistemologias. Em sua dimensão contracolonial, defendem a demarcação dos territórios, a autodeterminação dos povos, a proteção ambiental e a construção de projetos de futuro fundamentados nos saberes ancestrais e na justiça social.

A partir das análises de estratégias desses atores informacionais indígenas, percebe-se que a CCI pode assumir um papel estratégico na leitura, na interpretação e na problematização das estruturas informacionais que historicamente foram marcadas pela colonialidade do saber, do poder e do ser. O papel central, em seu conjunto, é possibilitar a compreensão de que a informação não é neutra, mas atravessada por disputas sociais, políticas, econômicas, territoriais, culturais e epistemológicas, entre outras. Ao reconhecer as produções desses atores de informação indígena como modos legítimos de conhecimento, a CCI contribui para deslocar

o eixo eurocêntrico tradicional da produção científica e cultural, abrindo espaço para a valorização de epistemologias outras.

Seu objetivo, portanto, é potencializar sujeitos críticos capazes de identificar, analisar e transformar os regimes informacionais que sustentam desigualdades históricas, promovendo práticas de autonomia informacional, e justiça social e cognitiva. Ao considerar as potencialidades das produções dos atores informacionais indígenas, na dinâmica da CCI, pode-se contribuir diretamente para a promoção da decolonialidade, ao questionar estruturas coloniais de conhecimento, e da contracolonialidade, ao fortalecer práticas de resistência ativa, reexistência e produção de alternativas epistemológicas. Com efeito, essa competência pode se consolidar cada vez mais como estratégia e instrumento fundamental para a construção de um ecossistema informacional mais plural, ético e politicamente comprometido com a diversidade dos saberes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou compreender o papel dos atores de informação indígena na mobilização da CCI como estratégia de resistência e de afirmação de perspectivas decoloniais e contracoloniais diante dos regimes de informação modernos. Os resultados evidenciaram que esses atores desempenham funções centrais na valorização de epistemologias originárias, na preservação da memória coletiva, na produção de narrativas próprias e no enfrentamento das estruturas de colonialidade que historicamente marginalizaram os saberes indígenas. Essa competência revela-se, por conseguinte, não apenas como um conjunto de capacidades relacionadas ao uso da informação, mas como uma prática ético-política comprometida com a autonomia informacional, a justiça social e cognitiva e o fortalecimento da soberania epistêmica dos povos originários.

Ao romper com concepções prescritivas, universalizantes e tecnicistas, a CCI pode ser compreendida como uma abordagem plural, situada e sensível às especificidades históricas, culturais e territoriais dos sujeitos informacionais. Tal compreensão permite reconhecer a legitimidade de diferentes formas de produzir, compartilhar e validar conhecimentos, contribuindo para o questionamento das hierarquias epistêmicas estabelecidas pela modernidade colonial. A rigor, essa competência constitui uma importante estratégia para a valorização dos saberes ancestrais, para o fortalecimento das lutas indígenas contemporâneas

e para a construção de processos informacionais mais inclusivos, democráticos e comprometidos com a diversidade epistemológica.

Os elementos e as dinâmicas que compõem essa competência podem, em última análise, favorecer o questionamento dos modos hegemônicos de produção, de circulação e de legitimação de conhecimentos e saberes diversos, estimulando reflexões acerca das bases políticas, culturais e epistemológicas que sustentam discursos frequentemente apresentados como universais, neutros e incontestáveis. Nessa dinâmica, os atores de informação indígena assumem papel central, uma vez que atuam como produtores, mediadores e disseminadores de conhecimentos ancorados em memórias coletivas, saberes ancestrais, experiências territoriais e cosmologias próprias. Ao mobilizarem práticas informacionais comprometidas com a valorização de epistemologias originárias, esses sujeitos contribuem para desvelar estruturas de colonialidade presentes nos sistemas de informação e para ampliar os espaços de reconhecimento de outras formas de produzir e de compartilhar conhecimento. Assim, a atuação dos atores de informação indígena reafirma a informação como instrumento de resistência, reexistência e transformação social, contribuindo para a construção de horizontes mais plurais, democráticos e comprometidos com a diversidade de modos de conhecer e de existir.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem Luciano. **Educação para o manejo do mundo**: entre a escola ideal e a escola real no alto rio negro**.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2018.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura Indígena Brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: atempa.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Literatura-indígena-contemporânea-Livro-.pdf. Acesso em: 9 mar. 2025.

ELMBORG, James. Critical information literacy: implications for instructional practice. **The Journal of Academic Librarianship**, Amsterdam, v. 32, n. 2, p. 192-199, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.acalib.2005.12.004. Acesso em: 9 mar. 2025.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. O regime de informação da comunicação científica: uma abordagem. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 4, p. 175–199, 2021. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44751. Acesso em: 9 mar. 2025.

GOMES, Marcus Victor Siqueira Josuá; TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. Um diálogo entre a competência crítica em informação e as teorias anticoloniais a partir de Dussel, Quijano e

Fanon. **Palabra Clave**, La Plata, v. 14, n. 1, e227, 2024. Disponível em: https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/download/PCe227/19799. Acesso em: 9 mar. 2025.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. As relações entre ciência, estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 60-76, 2003. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br//download/19989. Acesso em: 9 dez. 2025.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GUARÁ, Roni Wasiry. **Olho d'água:** O caminho dos sonhos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio**.** 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JEKUPÉ, Olívio. **Tekoa**: conhecendo uma aldeia indígena. Ilustrações de Maurício Negro. São Paulo: Global Editora, 2011.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyri Tama**: eu moro na cidade. São Paulo: Pólen, 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade**:** o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 22 maio 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 17. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. Ilustrações de Laurabeatriz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

MUNDURUKU, Daniel. **O Karaíba:** uma história do pré-Brasil**.** São Paulo: Melhoramentos, 2018.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos:** experimentações sobre outras formas de amar**.** São Paulo: Paidós, 2023.

OLIVEIRA, Damião Bezerra; GOMES, Raphael Carmesin. Epistemologia de fronteiras em Walter Mignolo: compreensão, críticas e implicações na pesquisa em educação. **Educação e**

Filosofia, Uberlândia, v. 35, n. 74, p. 643–677, 2021. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/55175. Acesso em: 9 dez. 2025.

POTIGUARA, Eliane. **A cura da terra**. Ilustrações de Soud. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

POTIGUARA, Eliane. **A terra é a mãe do índio**. Rio de Janeiro: Grupo Mulher-Educação Indígena (GRUMIN), 1990.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. Buenos Aires: Clacso, 2014.

REZENDE, Angerlânia; PAIVA, Eliane Bezerra; SOUZA, Edivanio Duarte de. Competência crítica em informação dos povos originários: reflexões a partir da teoria da decolonialidade. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 6., 2024. **Anais** [...]. Maceió: UFAL. p. e133, 2024. Disponível em: https://bibbase.org/network/publication/rezende-paiva-souza-competnciacrticaeminformaodospovosoriginriosreflexesapartirdateoriadadecolonialidade-2024. Acesso em: 9 dez. 2025.

SANTOS NETO, João Arlindo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O caráter implícito da mediação da informação. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 27, n. 2, p. 253–263, maio/ago. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/29249 Acesso em: 9 dez. 2025.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo.** Xilografias de Regina Drozina. Lorena: UK'A Editorial, 2018.

XAKRIABÁ, Célia Nunes Corrêa. **O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá:** reativação de memória por uma educação territorializada. 2018. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) – Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Brasília, 2018.

WAPICHANA, Cristino. **A boca da noite**. Rio de Janeiro: Zit Editora, 2018.

XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. *In***:** CARNEVALLI, Felipe *et al.* (org.). **Terra**: antologia afro-indígena**.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.

YAMÃ, Yaguarê. **Kurumi Guaré no coração da Amazônia**. São Paulo: FTD, 2007.

NOTAS

Este trabalho foi realizado no escopo das atividades do Projeto “Socialização do Método do Estudo Imanente em Informação”, Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023, sob a supervisão do Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza.